

Os Seis Dias da Criação

Dr. Henry Morris

Há várias teorias propostas por cristãos com a intenção de harmonizar a narrativa da criação em Gênesis com a pretensa história evolucionista do universo e seus habitantes, história elaborada por astrônomos, geólogos e biólogos modernos. Uma delas é a teoria do “dia-era”, que tenta correlacionar os dias da criação com as idades geológicas. Outra é a teoria do “salto”, que insere as eras geológicas num suposto intervalo entre Gênesis 1.1 e 1.2.

Na verdade, nem estas nem outras teorias sugeridas resistirão a rigoroso exame, quer científico quer escriturístico. Há conflito irreconciliável entre qualquer história evolucionista do universo proposta e a narrativa de sua criação registrada em Gênesis. Os dados científicos fatuais de ciências como a astronomia, a geologia, a biologia e outras podem ser *interpretados* de molde a adequar-se a este ou aquele sistema. A escolha feita por uma pessoa depende principalmente de sua preferência pessoal. Trata-se de uma decisão espiritual antes que científica! Ou a Palavra de Deus ou as teorias humanas!

Neste capítulo poremos empenho em estudar o que Deus revelou no primeiro capítulo de Gênesis concernente ao período da criação. Depois de compreender esta estruturação da pré-história segundo a revelação bíblica, estaremos prontos para localizar quaisquer fatos específicos de dados científicos na apropriada posição que lhes cabe dentro dessa estrutura.

1 — OS EVENTOS OCORRIDOS NO PERÍODO DA CRIAÇÃO.

(Gênesis 1.3-30)

Diz-nos Deus que todas as coisas foram feitas em seis dias. Ele pode tê-lo revelado primeiramente a Moisés ou, com maior probabilidade, a Adão ou a um dos outros patriarcas anteriores ao Dilúvio. Em todo caso, há de ter sido revelado. Isto é algo que o homem não pode descobrir cientificamente. A narrativa divina foi então lavrada, possivelmente em placa de pedra, e foi passando de mão em mão, patriarca após patriarca, até que por fim pôde ser incorporada aos livros de Moisés.

Criados inicialmente “do nada” o espaço (“os céus”) e a matéria (“a terra”), em concomitância com o próprio tempo (“o princípio”), Deus procedeu a dar forma à terra informe, inicialmente envolta em águas e trevas, e depois provendo de habitantes sua silenciosa superfície.

Primeiro “Deus mandou brilhar a luz nas trevas”, do mesmo modo como hoje Ele pode fulgir em nossos trevosos corações com a luz de Sua Palavra, “para transmitir a luz do conhecimento da glória de Deus que fulgura na face de Jesus Cristo” (2 Co 4.4). Diz Gênesis 1.5: “Chamou Deus à luz Dia” (ficando assim

claramente definido o sentido em que a palavra “dia” é usada neste capítulo). Com isto foi concluída a obra do primeiro dia; veio a “tarde”, depois houve um período de escuridão, e depois veio a “manhã” dando começo a outro “dia”. Apesar de que a fonte de luz, como é evidente, não era ainda o sol em sua forma atual, a sucessão de tardes e manhãs mostra que a rotação da terra sobre seu eixo já havia começado. Devemos salientar que os dias da criação foram dias literais. Estamos lidando com a Palavra de Deus, e por certo Deus é capaz de dizer o que pretende dizer.

É importante notar que o primeiro ato criador de Deus, em seguida à criação inicial do tempo, do espaço e da matéria, consistiu em criar a luz, ato que realizou por Sua Palavra falada: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz.” (1.3). De todas as formas de energia, a mais fundamental é a luz, intimamente relacionada com todas as outras formas de energia. Igualmente é bem sabido que a energia relaciona-se com a matéria nos termos da famosa equação de Einstein: $E = mc^2$. Nesta equação, c é a velocidade da luz, tremenda rapidez que serve de obrigatório ponto de referência para todos os demais tipos de movimento que ocorrem no universo físico. É possível que a Escritura esteja aludindo a isto quando, antes de ser produzida a luz mediante a Palavra falada, é-nos dito que Deus o Espírito Santo “movia-se” nas trevas sobre a terra informe.

No segundo dia Deus fez a atmosfera da terra (o “firmamento”), e o fez separar as águas primitivas em dois grandes reservatórios. As “águas sobre o firmamento”, mais provavelmente na forma de vapor invisível, não se acham mais ali, como é natural. Sua precipitação sobre a terra foi talvez a causa das chuvas torrenciais que caíram quando “as comportas dos céus se abriram” (Gn 7.1 1), por ocasião do Dilúvio, muitos anos mais tarde.

As “águas debaixo do firmamento” formavam ainda um oceano sem orla costeira, mas o subsequente ato de Deus foi fazer que a terra seca surgisse do oceano, e que este se recolhesse em bacias mais fundas constituindo uma rede de mares. No mesmo dia, Deus fez a vegetação cobrir a porção seca — relva, ervas e árvores de toda espécie. É importante reconhecer que, tão logo apareceram, as ervas já traziam sementes e as árvores já produziam frutos. Isto implica, ademais, que a “terra seca”, previamente surgida das águas, já dispunha de solos férteis e apropriados para as plantas. Tudo foi criado de forma plenamente desenvolvida e funcionando bem. Assim, embora recém-criado, o mundo tinha “aparência idosa”. Criar-se uma terra com a impressão de ter grande idade é inerente ao próprio conceito de criação. Não envolve nenhum engano da parte de Deus visto que Deus revelou-nos claramente estes eventos da criação.

A fonte de luz estabelecida no primeiro dia foi depois concentrada em dois grandes “luzeiros”, um para o dia e outro para a noite. Estes termos referem-se indiretamente ao sol e à lua, mas talvez se refiram também àqueles elementos constitutivos da atmosfera que produzem a refração da luz própria do sol e reflexa da lua, difundindo-a por toda a extensão do “céu”. Os “luzeiros” (palavra em certas versões mal traduzida por “luzes”), foram postos “no firmamento dos céus”, isto é, na expansão atmosférica do espaço, “para alumiar a terra” (1.15).

As estrelas foram feitas nesse tempo também, sendo sua função igualmente a de iluminar a terra e a de servir “para sinais, para estações, para dias e anos” (1.14).

Todo o necessário à vida animal — água, ar, luz, plantas e elementos químicos do solo — estava agora pronto para ser usado. No quinto dia Deus fez os peixes e as aves, “segundo as suas espécies”. É interessante observar que os primeiros animais criados foram “os grandes animais marinhos”, os maiores animais que já existiram (1.21). É difícil harmonizar isto com a pretensa evolução de toda a vida orgânica desde os diminutos seres unicelulares!

Os animais e répteis terrestres, bem como os insetos (“inseto que voa” — ver Levítico 11.20-23), foram criados durante a primeira parte do sexto dia. Isto contradiz também a imaginada ordem da evolução segundo a qual os insetos apareceram muito antes das aves e dos mamíferos.

Coroando os atos criadores, o homem foi feito à “imagem” e “semelhança” de Deus. Distingue-se o homem dentre os animais não só por seus superiores dotes físicos e mentais, mas também pelas extraordinárias capacidades da alma (aqueles atributos da razão, da consciência, da moralidade, e os sentimentos religiosos pertencentes à alma humana). Distingue-se ainda por um dote espiritual (o espírito humano) que o capacitou a desfrutar comunhão com Deus e as influências do Espírito operando em sua alma.

Esta “imagem de Deus” no homem foi desfigurada pelo pecado em que o homem caiu, mas não foi eliminada (Ver Gênesis 9.6 e Tiago 3.9). Pode ainda ser restaurada mediante a fé naquele que é o Filho de Deus e o Filho do homem, sendo Ele a perfeita “imagem do Deus invisível” (CI 1.15; Hb 1.3). A natureza espiritual do homem, morto em delitos e pecados, pode ser renovada pelo novo nascimento (João 3.6; Efésios 4.23,24; Colossenses 3.10,3).

2 —AVALIAÇÃO DIVINA DA CRIAÇÃO (Gênesis 1.31-2.3)

A criação do homem foi o clímax e a conclusão dos atos criadores de Deus. O homem deveria “encher” a terra, “sujeitá-la” e exercer domínio sobre todas as outras criaturas. Por causa da Queda e da Maldição, este domínio não é exercido no presente (Hebreus 2.8), a não ser de modo incompleto e imperfeito. Um dia será restabelecido. A profecia de saías 11.6-9, antecipando as glórias do milênio, retrata as relações ideais entre o homem e o reino animal que deve haver existido antes da queda do homem.

Tudo tem que ter sido perfeito porquanto Deus assim o disse! “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom.” (1.31). Não havia nada em desordem, nem inimizades, nem sofrimento, nem luta, e certamente não havia morte em toda a criação de Deus. Tudo isso veio com a queda do homem e a resultante maldição divina, e dessa hora em diante e sempre, “toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22).

Deve-se notar também que não há base para aguda distinção entre os atos divinos de “criar” e os de “fazer”. Deste modo, Ele “criou” os grandes animais marinhos e todos os seres viventes (versículo 21), mas “fez” os animais

selváticos, os animais domésticos e os répteis da terra (versículo 25). Semelhantemente, Ele “fez” o homem à Sua imagem (versículo 27). Embora os dois vocábulos não sejam sinônimos exatos, a ênfase recai sempre na obra de Deus que “como Criador, fizera” (Gn 2.3).

Os atos “criadores” de Deus são aqueles pelos quais seres e elementos que não existiam mesmo, foram chamados à existência quando os “criou” Deus. Por outro lado, quando se nos diz que Deus “fez” alguma coisa, a idéia ressaltada é a de que Ele estava elevando os materiais criados a um estado de ordem e organização superior a suas condições anteriores. Aliás, quando os dois termos descrevem atos de Deus, são sinônimos em essência.

Em qualquer caso, é claramente afirmado que tudo que Deus “criou e fez” ficou completo em seis dias. Portanto, os seis dias foram dias de “criação” e de “organização”, e os processos empregados por Deus não operam mais. A presente ordem de coisas — único sistema que a ciência pode estudar experimentalmente — é de “conservação” e “desorganização”, condizente com o enunciado da primeira e da segunda leis da termodinâmica, respectivamente.

O reconhecimento da necessidade de “idade aparente” e de “criação concluída” é meio caminho na busca da solução para o que parece ser conflito entre a narrativa bíblica da criação e a suposta longa idade da terra e do universo. Os métodos utilizados pela geologia e pela astronomia para o estabelecimento de datas baseiam-se necessariamente em índices de rapidez das mudanças ocorridas nos processos físicos *atuais*. Parte-se da *pressuposição* de que a velocidade e o processo sempre foram os mesmos, e de que o objeto mensurado é — o partir de um ponto inicial “zero”. Isto permite o cálculo da “idade aparente”, mas ignora o fato de que a idade aparente pode, ao menos em parte, haver sido “criada”! Também ignora o fato de que essas medidas de tempo, velocidade e mudanças têm de amoldar-se às duas leis da termodinâmica; de fato, a maioria das medidas empregadas para marcar datas consiste na verdade de indicadores de decadência. Portanto, nada podem dizer a respeito dos eventos da criação, a qual foi *completada* por processos *criadores* e não por processos de decadência. Tais cálculos ignoram também o fato de que a pressuposição de uniformidade nos índices dos processos de formação e desenvolvimento do universo no tem validade alguma à luz do Dilúvio que destruiu o mundo nos dias de Noé tema estudado mais adiante neste livro.

Quando Deus declarou muito boas as obras de Suas mãos, e descansou no sétimo dia, no dá isto suficiente evidência de que a criação de Deus foi completa e perfeita?

Segundo Neemias 9.6, é possível que os anjos e todas as suas ordens estejam incluídos no sumário de Gênesis 2.1? — E digno de nota que a palavra hebraica traduzida aqui por d’*exército*” é aplicada também ao exército dos céus (os corpos celestes) em Deuteronômio 4.19; Isaías 34.4; 40.26 — e é empregada com referência aos anjos de Deus em 1 Reis 22.19; Salmo 148.2 e em outras passagens.

LEITURA DA BÍBLIA

Gênesis 1.3 — 2.3; Êxodo 20.11; Salmos 24 e 74; Hebreus 1;4.4.

PROVISÃO PARA O PENSAMENTO

“O cientista moderno perdeu a Deus no meio das maravilhas do mundo de Deus; nós, os cristãos, corremos o risco de perder a Deus no meio das maravilhas de Sua Palavra.”

A. W. Tozer

Fonte: *Criação ou Evolução*, Henry Morris, Editora Fiel, p. 16-22.